

O Progresso Catholico

APPROVAÇÕES E INDULGERCIAS

O MEZ DE OUTUBRO

PORTARIA DE S. EXC.^a Rev.^{ma} O SNR. ARCEBISPO DE BRAGA
PRIMAZ DAS HESPANHAS,
APPROVANDO E INDULGENCIANDO ESTA OBRA

Tendo Nós mandado examinar o livrinho intitulado—O Mez de Outubro», consagrado a N. Senhora do Rozario—traduzido do italiano, sobre a versão franceza do conego Hallez, pelo Presbytero Manuel Ferreira dos Santos Peixoto, e editado em Guimarães pelo benemerito Director do «Centro de Propaganda Catholica em Portugal», Teixeira de Freitas; não se encontrando n'elle erro algum quanto á fé e aos costames, e sendo antes a sua doutrina considerada como um excellente meio de fomentar e desenvolver a devoção e piedade para com a Soberana Virgem do Rosario, augusta Mãe de Deus e dos homens; Havemos por bem, annuindo á supplica que nos foi dirigida, não só conceder-lhe a Nossa approvação, recommendando como muito proveitosa a sua leitura e meditação, mas conceder a todos os Nossos subditos, que lerem ou meditarem alguma parte d'elle, e por cada vez que o fizerem, quarenta dias de Indulgencias, podendo esta Nossa Portaria ser impressa e publicada, para melhor conhecimento de todos.

Paço Archiepiscopal de Braga, aos 25 de Setembro de 1886.

Antonio, Arcebispo Primaz.

BREVE DE SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIII

RESTABELECENDO A

COMPANHIA DE JESUS

NA SITUAÇÃO CANONICA EM QUE SE ENCONTRAVA ANTES DE

CLEMENTE XIV

SEM PREJUISO DAS GRAÇAS CONCEDIDAS POR PIO VII E SEUS SUCCESSORES

LEÃO XIII, PAPA

PARA PERPETUA MEMORIA

ENTRE os motivos de dôr que affligem a nossa alma no seio das tão profundas perturbações da presente epocha, encontram-se as injustiças e os males que peizam sobre as familias religiosas das Ordens Regulares. Fundadas por grandes santos, foram sempre uteis á Egreja catholica cujo ornamento são, e á mesma sociedade civil que d'ellas obtem vantagens positivas. Em todos os tempos as ditas Ordens têm merecido bem das lettras e da religião; e tambem contribuíram immensamente para a salvação das almas. D'aqui vem que Nós nos comparamos, sempre que se offerece occasião, em outorgar ás familias religiosas, os louvores que tanto merecem; como nossos Predecessores, Nós desejamos dar-lhes publico testemunho da nossa affectuosa benevolencia.

Por estas razões tendo Nós sabido, que desde muitos annos, se prepara uma nova edição da obra intitulada: *A instituição da Companhia de Jesus*, que nosso carissimo filho Antonio Maria Andelerdy, Vigario geral d'esta Companhia, se occupa assiduamente em fazer terminar esse trabalho; que d'elle não resta mais do que reimprimir a ultima parte que contém as Lettras Apostolicas dirigidas á Companhia de Jesus, a Santo Ignacio de Loyola, seu fundador, e aos outros superiores geraes; Nós aproveitamos com sollicitude esta occasião para mostrar o nosso affecto á Companhia de Jesus, sempre benemerita da Egreja e da sociedade.

Portanto, approvamos a edição começada da supradita obra, trabalho simultaneamente util e glorioso para a Companhia; louvamos este trabalho e desejamos que continue e seja levado a feliz exito.

E para manifestar ainda mais o nosso amor para com a Companhia de Jesus, em virtude da Nossa auctoridade Apostolica, confirmamos pelas presentes e concedemos de novo Lettras Apostolicas, todas e cada uma d'ellas que tenham por objecto o estabelecimento e a confirmação d'esta Companhia, Lettras outorgadas pelos Pontifices Romanos nossos predecessores, desde Paulo III de feliz memoria, até nossos dias, ou se achem concebidas em forma de Bullas, ou de simples breves. Confirmamos e concedemos de novo tudo o que n'ella se contém e d'ellas se deriva, bem como os privilegios, immunições, isenções, indultos, todos e cada um, concedidos á mesma Companhia, quer directamente, quer por communicação com as outras Ordens Religiosas, sempre que não causem prejuizo algum a esta Companhia, e nada aborgados e revo-

gados pelo Concilio de Trento ou por outras Constituições da Sé Apostolica.

Por tudo isto Nós decretamos que, as presentes Lettras tenham sempre valor e efficacia; querendo que obtenham e produzam seus plenos e inteiros effeitos, e produzam tambem todas as suas vantagens a todos aquelles a quem o assumpto diz ou possa dizer respeito.

Não obstante o Breve — *Dominus ac Redemptor* — do Papa Clemente XIV, datado de XXI de Julho de MDCC-LXXIII e outros quaesquer documentos que lhes fossem contrarios e sejam dignos de uma menção e derogação especial e individual, que Nós derogamos expressamente em virtude das presentes Lettras.

Que estas Nossas Lettras sirvam de testemunho do amor que Nós professamos e sempre temos professado á illustre Companhia de Jesus, tão addicta a nossos predecessores e a Nós mesmo; mãe fecunda de homens eminentes pela gloria da santidade e da sciencia; manancial e sustentaculo da solida e sã doutrina, e que apesar das violentas perseguições soffridas pela justiça não cessa nunca de trabalhar na vinha do Senhor com um zelo alegre e um valor invencivel.

Adornada de taes meritos, recommendada pelo proprio Concilio de Trento, accumulada de elogios pelos nossos predecessores, continue a Companhia de Jesus no meio dos odios injustos, desencadeados contra a Egreja de Jesus Christo; persevere na consecução do fim da sua instituição para maior gloria de Deus e eterna salvação das almas.

Continue a sua missão de conduzir e de chamar, por meio de santas expedições os infieis e os herejes á luz da verdade; continue educando a juventude nas virtudes christãs e nas bellas-lettras; continue ensinando a Theologia e a Philosophia, segundo o espirito do Doutor Angelico.

Entretanto, Nós abraçamos com vivo affecto a Companhia de Jesus, que nos é tão cara, e damos ao Superior Geral, ao seu Vigario e a todos os filhos d'esta Companhia, a Nossa benção Apostolica.

Dado em Roma junto do S. Pedro sob o anel do Pescador, a XIII de Julho de MDCCCLXXXVI, anno 9.º do Nosso Pontificado.

M. LEDOCHOWSKI.

SECÇÃO RELIGIOSA

A Eloquencia de S. Paulo

Discurso no Areopágo

JÁ o discurso pronunciado por S. Paulo no anno 45, aos Judeus convocados em assembleia na synagoga de Antioquia de Pisidia, mostrava o genio penetrante e profundo, bem como o espirito e a missão d'este vulto eminente na historia da civilisação.

Esse discurso, ao qual apenas nos referimos aqui, é o modelo de um resumo histórico: uma vigorosa logica encadeia todos os successos desde a vocação de Abrahão até á missão de Jesus Christo, e justificam esta energica conclusão:

«Vêde, ó desprezadores, e admiraveis e finaveis: que eu obro uma obra em vossos dias, uma obra que vós não creereis, se algum vol-a referir.»

Ao depois, o Apostolo passa a Athenas e ahí vae achar-se em presença dos areopagistas, ante os quaes declama o seu grandioso discurso no Areopágo mesmo.

Já o vamos referir.

* * *

Nada póde dar hoje idéa do prestigio que lograva ainda Athenas: os seus rhetoricos e os philosophos eram os reis da opinião, e o celebre philosopho Cratippes havia tido por discipulos e amigos conjunctamente, Cicero, Cesar e Pompeo: os primeiros triumviros chegam até a decretar que todo o atheniense é inviolavel pelo direito d'aquelle immortal passado, que lhe faz uma auréola de gloria e um reducto de poder. Mas, por esta época, a mestra do genero humano já não tinha que ensinar senão uma sciencia de palavras oucas de sentimento e de pensamento: Athenas já não formava nem heroes nem oradores, mas adestrava atletas e sophistas.

A esta sociedade brilhante, espirotuosa e sceptica, este judeu desconhecido, á eloquencia incorrecta mais inflammada por uma nova aragem, «este semeador de palavras» como o chamavam, devia recordar os vultos immortaes de Socratas e de Diogenes.

Logo que Paulo, appareceu na praia atheniense, no centro da mais alta cultura de espirito do paganismo, paramentado á philosopho christão, proclamou a loucura da cruz nos mesmos logares em que Platão havia celebrado os mysterios do pensamento pagão, por onde havia elle louvado a loucura inspirada e as orgias sagradas da virtude entusiasta da belleza eterna.

Paulo repudiou a má vergonha. Em perfeito juizo, elle se declara insensato; a loucura no Apostolo era a forma da sabedoria; e pizava o mundo com os pés, como o vinhateiro piza as uvas no seu lagar.

S. Paulo, travando rija discussão com os philosophos estoicos e epicureos, foi conduzido perante o Areopágo. E', pois, com ar meio serio e meio jocoso que o Apostolo foi apresentado n'esse tribunal supremo de sabios juizes gregos, ao qual pertencia exclusivamente o direito de auctorisar um novo culto.

O que é admiravel na oração ali pronunciada por S. Paulo, é aquella sua divina moderação! Rio magestoso, elle modera as suas aguas; elle retém as torrentes da sua eloquencia. O Apostolo não diz nada aos pagãos que elles não possam comprehender; não lhes ensina a propheta hebraica; não lhes revela n'um passado que desconheçam, as imagens do futuro. Manifesta-lhes o Deus desconhecido que se occulta detraz dos deuses conhecidos, o infinito que lê no finito, o illimitado que se põe em relevo no limitado. Presta homenagem aos Athenienses pelo seu instincto religioso, e pela sua extrema curiosidade.

Paulo em pé no meio do Areopágo, diz: «Varões Athenienses, em tudo, e por tudo vos vejo um pouco excessivos no culto da vossa religião. Pois indo passando, e vendo os vossos simulacros, achei tambem um altar, em que se achava esta lettra: *Ao Deus desconhecido*. Pois aquelle Deus que vós adorais sem o conhecer, esse é de facto o que eu vos annuncio.»

Elles *buscam* e não acham; elles *desejam* e não alcançam; mas elles buscam, mas elles desejam, e o Apostolo leva-lhes isso em conta. Descobrimo na alma dos Athenienses aquella aspiração para o desconhecido, S. Paulo annuncia-lhes Aquelle que elles adoravam sem o conhecer. E continuando, diz:

«Deus, que fez o mundo, e tudo o que n'elle ha, sendo elle o Senhor do Ceo, e da terra, não habita em templos feitos pelos homens. Nem é servido por mãos de homens, como se necessite d'alguma creatura, quando elle mesmo é o que dá a todos a vida, e a respiração a todas as cousas: E de um só fez todo o genero humano, para que habitasse sobre toda a face da terra, assignando a ordem dos tempos, e os limites da sua habitação. Para que buscassem a Deus, se por ventura o podessem tocar, ou achar, ainda que não esteja longe de cada um de nós. Porque n'elle mesmo vivemos, e nos movemos, e existimos: como ainda disseram alguns de vossos poetas: Porque d'elle tambem somos linhagem.»

Sendo nós, portanto, semelhantes

aos deuses—diz elle — cumpre aspirar ás sublimes alturas de nosso parentesco; cumpre erguer-nos para Deus, e não descel-o para a materia. Judeus e pagãos serão julgados segundo o que sabem e não segundo o que ignoram; mas, quando a luz aclara as trevas, todo aquelle que fechar os olhos será condemnado por esta luz.

Até aqui o publico e os philosophos haviam escutado attentivamente; mas quando S. Paulo annunciou o juizo final seguido da resurreição d' genero humano, principiaram as risotas e os sarcasmos; uns gritavam-lhe que fallasse em outra occasião quando estivesse em bom juizo, outros que não propalasse taes insanias. S. Lucas nos *Actos dos Apostolos* diz: «E quando ouviram a resurreição dos mortos, uns na verdade faziam zombaria, e outros disseram:

Outra vez te ouviremos sobre este assumpto.»

Quantas vezes ao depois não tem sido repetido este dicto do frivolo atheniense, este addiamento burla, por muitos que tem olhos para não verem, por ignorantes, por homens ao coração ligeiro, que pensam haver outros interesses mais urgentes que Deus, a alma, o peccado e a redempção! *Outra vez te ouviremos sobre este assumpto!*

N'este seu immortal discurso, o Apostolo evocando emphaticamente o sentimento religioso dos Athenienses, annunciando-lhes aquelle Deus que elles adoram sem o conhecer, lisongeava com grande bizzaria o amor proprio nacional: poisque, segundo Pausanias «vise mais idolos pelos muros de Athenas que em todo o resto da Grecia.»

Notae, alem d'isso, como este «insensato» advinhou o defeito preciso da raça para poder captar estes Gregos de quem Tacito dizia: «elles não admiram senão o que vem d'elles,» estes Gregos «a raça de homens a mais infatuada de si mesma» como dizia Plinio o Antigo.

Após ter d'este modo captivado os espiritos, S. Paulo annuncia-lhes o Salvador, não como representante do Deus de Abrahão, mas como o enviado do Creator do universo, do Pae do genero humano. Emfim, em poucas palavras, S. Paulo resumira a demonstração racional d'um Deus creator, aquella prova tão ordinariamente desenvolvida ao depois por S. Agostinho e S. Anselmo, e muitos outros.

J. C. de Faria e Castro.



SECÇÃO SCIENTIFICA

O Suicidio

III

S apologistas do suicidio teem levado mais longe a temeridade, afirmando que este crime não é prohibido pelo Evangelho. Poderiamos limitar-nos a responder que nenhuma lei positiva prohibiu nunca nem a demencia nem o frenesi; mas sustentamos que a demencia e frenesi deque fallarmos é prohibido por todas as passagens do Evangelho que prescrevem a paciencia nas afflições, e que commettem a esta virtude uma recompensa eterna.

S. Paulo, depois de ter recordado aos fieis tudo quanto soffreram os antigos justos, diz-lhes: «A' vista d'esta nuvem de testemunhos, corramos pelo combate que nos espera, fitando os olhos em Jesus, auctor e consummador da nossa fé, que soffreu a morte da cruz, e affrontou as ignominias em consideração da gloria que esperava, e que está sentado á direita do Deus (1).» Pondera-lhes que Deus os ama, pois os castiga como o pae corrige seus filhos. Se um furioso determinado a cortar o fio de seus dias, fosse capaz de prestar attenção a esta moral, conheceria o crime que comette querendo subtrahir-se aos castigos que Deus lhe envia, e que mereceu já pela sua imprudencia já pela sua libertinagem.

O christão que se entregou a paixões desregradas, e que encontra n'ellas a sua desgraça, reflectindo consigo mesmo, exclama com um rei penitente: *Vos sois justo, Senhor, e os vossos juizos são a propria equidade.* O incredulo sente-se punido por onde peccou, affronta a justiça divina, e pretende escapar-lhe tirando a vida a si mesmo; ella poderá, porém, vingar-se.

Que ha de dizer-se ao insensato que ousou escrever que se é verdade o Messias dos christãos ter morrido muito por seu gosto, foi evidentemente suicida? Jesus Christo não excitou os judeus a matarem-n'o, arguiu-os anticipadamente do crime que iam commetter. Jesus Christo entregou-se á morte não por desgosto da vida, nem por impaciencia na dôr, mas para resgatar o genero humano da morte eterna, para salvação d'aquelles mesmos que o crucificaram. Offereceu-se para victima da nossa redempção, com pleno poder de dar sua vida e de recuperar-a (2), e com a certeza inteira de resuscitar tres dias depois.

Assim confirmou a sua doutrina com o exemplo, inspirou o mesmo valor a milhares de martyres e pela sua cruz converteu o mundo. Repetimo-lo mais uma vez, expôr a vida a uma morte certa para salvar a vida d'um numero qualquer de cidadãos, não é um suicidio, mas um rasgo de coragem heroica; fazer este sacrificio para salvar o mundo inteiro d'um supplicio eterno, é a caridade d'um Deus.

Mas, segundo o juizo dos bons dos nossos dissertadores a maior parte dos martyres foram fanaticos; uns foram em multidão apresentar-se ao ferro dos perseguidores; assim o fez uma multidão de christãos da Asia, á chegada do proconsul Arrius Antonius; outros saltaram elles proprios á fogueira acceza para os intimidarem, como fez sancta Apollonia, no anno de 249; outros precipitaram-se para não cairem nas mãos dos soldados e com receio de perderem a castidade; cita-se entre estes sancta Pelagia, virgem de quinze annos, exempto que se deu no anno de 311. Os Padres da Egreja, S. Jeronimo, Santo Ambrosio S. João Chrysostomo, fizeram a esta martyr os maiores elogios; estes Sanctos padres decidiram não ser licito a ninguem morrer por sua propria vontade, *excepto quando se corre risco de perder a castidade.* Sancto Agostinho não desculpa estes martyres senão suppondo gratuitamente como S. João Chysostonio, que elles obraram por inspiração divina; mas Deus não inspira uma acção má em si e contraria á lei natural. D'aqui partiu Barbeyrac para fazer uma eloquente declamação contra os Padres da Egreja, e para querer provar que elles ensinaram uma moral falsa (1). Certo deista pronunciou, em tom de oraculo, esta maxima: *O verdadeiro martyr espera a morte, o entusiasta corre para ella.*

Examinemos todos estes factos.

1.º Sustentamos que, n'estes diferentes casos, os martyres não peccaram. Os christãos da Asia, sancta Apollonia e outros, não tinham por fim suicidar-se, mas convencer os perseguidores da inutilidade das ameaças e do apparatus dos supplicios para intimidarem os christãos e destruirerem o christianismo.

O seu designio era, pois, deterem os furores da perseguição e salvarem a vida de seus irmãos expondo a sua; repetimos pela terceira vez que estes actos não são effeito do frenesi dos suicidios, mas feitos d'uma caridade heroica.

Assim pensava S. Paulo quando dizia: «Eu darei tudo da melhor boa von-

ta-de, e eu me darei até a mim mesmo pela salvação de vossas almas (1).

Aquelles christãos não se envergonhavam; Tertulliano dá-nos a entender que Arrius Antoninus conheceu com que homens tinha de se haver; responde com espanto e com indignação: *Desgraçados, não tendes cordas e precipicios para vos destruiredes?*

(continua)

P.º M. J. G. P.—V.

SECÇÃO CRITICA

A imprensa revolucionaria, a infallibilidade pontificia, e os jesuitas

HA pouco tempo alguns jornacs, que são entre nós os fanaes fulgentissimos da revolução, e que se prezam de ser a luz perennal que deslumbra o jesuitismo com o seu fulgurar tenebroso, atiraram para a imprensa com uma interrogação que ressumbra uma ignorancia sem paralelo, ou uma malvadez e má fé sem nome.

«Qual dos dois é infallivel, é Clemente XIV supprimindo a Companhia de Jesus, ou é Leão XIII restabelecendo e confirmando em todos os seus privilegios?»

Perguntavam com o entono emphatico e arrogante de quem apanha o adversario em crime flagrante, e o aponta despidosamente á justa indignação e ludibrio publico, todos esses papeis que vendem disparates e calumnias a 10 reis! A que abysmo os jesuitas arrastaram Leão XIII! diziam; como fizeram cahir aos pés a aureola de liberdade que lhe enaltecia a frente do pontifice, depois d'um governo todo conciliador! Fez se á ultima hora um jesuita e ultramontano como Pio IX!

E alguns chegavam a empregar uma linguagem reles e immunda. A «Justiça Portugueza» comparava o pontifice á «burra de Balan», e chamava aos templos «estrebrias sagradas»!! Pobre justiça, como te prostituíram! parece que foste educada nas praças e nos bordéis!

Sois calumniadores e sois hypocritas! Afivelais triste e ridiculamente a mascara comprometedora da sinceridade, da rectidão e da justiça, e apresentaes em scena essas contradicções apparentes, com o fim definido e premeditado de illudir o povo, e os incautos.

Mostrais-vos seriamente escandalis-

(1) Hebr. c. 12, v. 1.

(2) S. João, c. 10, v. 18.

(1) Tratado da Moral dos Padres da Egreja. c. 13, § 7, pag. 243.

(1) Il Chor. c. 12, v. 15.

sados, parece que os cabellos se vos arripiam e o sangue se gela n'essas arterias ardentes para o mal, e clamaes com voz energica e furiosa:—a infallibilidade é uma burla; não vistes ainda agora como um papa edificou o que outro destruiu? como um approvou o que outro condemnou? E isto sem fallar dos Liborios e Honorios! «O catholicismo, continuam, é uma enorme tratantada dos jesuitas. Fazemos correr a brilhante vas-soira do seculo XIX por sobre essas velharias medievas! Var-ramos esse anachronismo, esse anteparo aos nossos vicios e paixões!»

Mas parai, serenai esse zelo ardentissimo pela vossa estolida liberdade; reparaí que a Egreja se ri das vossas arremettidas inglorias e bravatas de pygmeus.

Deveis saber o que é infallibilidade pontificia como a Egreja a crê, admite e explica, antes de mandardes correr mundo umas apreciações que denunciavam á primeira vista, uma ignorancia boçal e estouvada.

Deveis saber qual é esse dogma que ineptamente chamaes novo, e que sempre foi, mesmo antes da sua definição, uma crença geral e constante na Egreja desde os seus primordios, desde os tempos apostolicos.

O concilio ecumenico do Vaticano, celebrado em 1869 e 1870, definiu a infallibilidade pontificia, na sessão 4.ª — *Constitutio Ecclesiae*—, do seguinte modo: — O pontifice quando falla *ex cathedra*, isto é, como doutor universal da Egreja, dirigindo-se a todo o mundo catholico como Vigario de Christo, é infallivel *ex sese*, isto é, sem dependencia do assentimento da mesma Egreja, em materia de *dogma ou moral*, em pontos de fé ou costumes.—

E' assim que nós admittimos o dogma da infallibilidade pontificia. Dadas taes condições, o pontifice não erra, não pôde errar, nem errou jamais. A verdade é uma, não se corrompe nem varia.

Todavia o pontifice com ser pontifice não deixa de ser homem, e o homem é defectivel ainda mesmo sob o magestatico esplendor da thiara.

O homem tem sempre em si o virus original, o germen latente do mal prestes sempre a explosir. Não nos devemos portanto admirar de que a historia haja registrado algumas defeições, na serie já longa dos pontifi-

Quem affirmasse tal inepecia teria dado o mais cabal testemunho de ter perdido o senso commum.

As ordens religiosas são vergonteadas e queridas da Egreja. Especialmente a companhia de Jesus, essa sociedade heroica e benemerita, que hasteou em Montmartre o estandarte albinente da dedicação até ao martyrio pela religião da cruz; essa socieda-

de de sabios, em cujas fileiras, segundo o proprio testemunho de inimigos como Voltai-ro e d'Alembert, fulguram homens de incomparavel merecimento, como Laynes e Fabro, luminares do concilio de Trento; S. Francisco Xavier e Matheus Ricci, sabios e ardentissimos apóstolos do Oriente; Bourdaloue, Ventura, Felix, cuja palavra eloquentissima ainda echoa vibrante no mundo catholico; Angelo Secchi que desveudou os arcanos da astronomia; e tantos, e tantos outros cuja serie seria interminavel... Essa phalange de soldados briosos, que tiveram o berço entre as vagas tumentes da Reforma, que invadia e alastrava a Europa com a rapidez alarmante d'um diluvio.

Principalmente, digo, esses filhos da luta sempre na vanguarda do exercito catholico, foram a vergontea mais frondente, foram uma columna diamantina da Egreja.

Apesar de tudo, as ordens religiosas não são essenciaes á vida da Egreja,

do mesmo modo que as vergonteadas não são indispensaveis á vida do tronco. Podem prosperar ou deslisar do seu fim, que isso não maculará jamais a santidade purissima da nossa fé. O catholicismo viverá sempre incorruptivel e immorredoiro como o seu divino Auctor.

Repito: o objecto da infallibilidade pontificia é o dogma e a moral e tudo aquillo que com isto tem intima conexão; mas as ordens religiosas estão fóra d'este quadro, como é evi-



SANTA THEREZA DE JESUS

ficos. Seria acaso estranho que as não tivesse havido, attenta a nossa tendencia nativa para o mal.

Posto isto, desejava que me dissessem, que contradicção ha entre esta doutrina, e o acertado procedimento de Leão XIII attendo a ordem dos jesuitas que um antecessor se viu constangido a supprimir?

A Companhia de Jesus ou outra qualquer ordem religiosa é por ventura algum dogma de fé ou alguma verdade moral objecto da infallibilidade?

dente; logo o pontifice não é infallivel no que determina com relação ás ordens religiosas.

Podem portanto ver os senhores republicueiros que desastrosa prova deram de ignorancia ou má fé.

Era bem escusado alarimar o mundo e a imprensa com uma tão fragil bola de sabão. Mas a questão é que se tratava de jesuitas e portanto era absolutamente indispensavel malhar de duro.

Todavia parece-me bem logico o vosso odio e entranhada aversão aos jesuitas, porque é perfeito o contraste entre vós e elles.

Elles são a luz; vós as trevas. Elles a ordem; vós a revolução. Elles os apóstolos ardentes do bem; vós os athletas do vicio e do erro ignobil do tremedal. Elles, os lutadores perseverantes da verdade epilogada na Cruz; vós uns entes anormaes que exorbitaes da linha coimbrã do senso commum, para apregoar aos ventos galernos do rebaixamento social, o absurdo colorido. Elles, os defensores natos, as mais solidas columnas do poder e auctoridade legitimamente constituida; vós respeitaeis tanto a auctoridade, como Luthero, Voltaire ou Mirabeau. Elles levam ás mais remotas paragens a luz cambiante da civilisação acrisolada no sol do Evangelho; vós hauris a sciencia nos mananciaes *crystalinos* de Epicuro ou Lucrecio, do Conte ou Littré; ou apanhaes os velhos farrapos do simianismo de Huxley, Darwin ou Hekel; ou talhaes uma pedanha para a razão deificada e appelladaes-vos racionalistas; ou alistaes-vos na religião dos vadios e dos amantes do crime e da orgia e chamaes-vos atheus.

Portanto acho naturalissimo o vosso odio, mas tambem me parece impotente, porque a causa dos jesuitas é a causa de Deus.

Pombal, Coiseul, ou Aranda dispunham d'um poder real e apesar d'isso não lograram estrangular a *praga* do jesuitismo. Succederá-vos o mesmo. Podeis amarral-os ás columnas dos vossos jornaes, aos folhetins das vossas gazetas, ao palco dos vossos theatros, ás portas das vossas escolas ás bombas dos vossos discursos, e nunca aniquilareis o jesuita, tel-os-heis sempre diante de vós como uma ironia cruel.

A. II.

SECÇÃO LITTERARIA

O dia sancto

—Então, Manuel, nem mesmo ao santo dia, repouso o braço, e deixas o vinhedo? Meu amigo, é de mais! Pois não tens medo, aos damnos, que tal culpa desafia?

—Tenho filhos... sou pobre... que fazer!? E nem o senhor cura o saberá!...
—Não n'ó sabe, nos ceus, quem vive e está, e aos mais tristes não deixa de valer?...

Outra coisa, Manuel: vês fumo alem, vir da banda, onde tens a tua casa? Corramos, vamos ver o que se abraza; já no fumo, clarões vejo eu tambem!—

Vão se os dois, e, ao dobrar d'aquelle outeiro, um filhito, Manoel vê vir correndo.
—Acuda, pae—diz elle— a casa ardendo, em breve não será mais que um brazeiro!...

De dôr vencido, o pallido aldeão, cae de joelhos, no humilde pó da estrada:
—E' justo—e exclama—a tua lei vingada, sinto, oh Deus, n'esta aguda provação!...

Mattos Ferreira.

SECÇÃO ILLUSTRADA

SANTA THEREZA DE JESUS

NO seculo das grandes heresias; quando a Allemanha e a Inglaterra quebravam os laços que as prendiam á Egreja, e por toda a parte os desastres sociaes que os hereticos promovem, cavavam abyssos medonhos, onde a familia, a dignidade da mulher, as alegrias do lar se afundavam, eis que surge em Avila, a 28 de março (1515), a nossa heroína, a sympathica creança, que, mais tarde havia ostentar o habito das monjas carmelitanas, e encher o mundo com a fama de suas virtudes, com os rasgos sublimes da sua caridade, com a desmesurada abnegação que só uma alma creada para Deus podia exercer na terra.

Thereza de Jesus! Quem não admira essa creatura desde os mais tenros annos, quando a fê a impulsionára a abandonar a casa paterna, em companhia de um pequeno irmão, para ir, em mouriscas paragens, receber o martyrio por Jesus?

Quem a não admira mais tarde, na idade das illusões, em meio d'uma sociedade toda tendencias para o mal, vacilante primeiro, mas corajosa depois, abandonando o mundo, a familia, todas as afeições para se recolher no convento das Monjas da Encarnação, onde deu provas das mais acrisoladas virtudes, e onde concebeu a grandiosa ideia de reformar a Ordem Carmelitana, instituindo a regra das Carmelitas descalças, que foi imporio de santas?

Quem não admira a nossa santa mais tarde, arrostando com todos os tropeços, calcando todos os obstaculos, rindo de todos os insultos, e levantando o primeiro Convento reformado sob o nome de S. José? E depois d'este outros, e mais ainda, podendo, ao mor-

rer, contar um bom numero de casas e milhares de monjas descalças que lhe davam todas o santo nome de mãe?

Quem não admira... Mas para que mais interrogações, quando nós podemos em poucas palavras dizer quem foi a nossa santa?

Ella era d'uma tal abnegação de si mesma, que, nos dias, em que um adovogado a insultára, como hoje faz por esse mundo muito palerma que defronta com as religiosas, respondeu:

«Dios pague á vuestra merced el favor que me hace».

Apesar de ser ella a mão geral da Ordem, obdecia e dava-se a todos os trabalhos, não só para dar exemplo mas para satisfazer a sua vontade toda divina. Jesus Christo muitas vezes lho appareceu em visões e ella, a santa doutora, nada empreendia, sem consultar ao seu Divino Esposo.

As monjas dos conventos onde ella estava, contaram cousas pasmosas acontecidas com ella, e contam algumas, que, nas vesperas da sua morte se conheceram factos espantosos no convento onde ella morreu, ás 9 horas da noite do dia 4 de outubro de 1582, dia de S. Francisco d'Assis, de quem era muito devota. (*)

E assim devera ser, porque depois de S. Francisco d'Assis, ninguem foi merecedor de tantas graças do Ceo como a formosa Serafina do Carmello, de quem damos hoje o retrato tirado na idade avançada mas ainda com a belleza que só a virtude tem.

Santa Thereza foi escriptora distincta, e as suas obras são hoje ainda e sel-o-hão sempre, muito apreciadas, porque ninguem escreveu com tanta fê e com o pensamento tão longe das cousas da terra. Foi poeta distincta, e os seus versos são a expressão de uma alma toda arroubada nas chamas do divino amor.

Todos os seus livros são dignos de meditar-se, porque em todos elles se reflecte a luz brilhante que animou aquella intelligencia extraordinaria, e que a fizera o modello de todas as grandes heroínas que n'este seculo de descrença, de indiferença e de desamor pelas cousas do Ceo, se levantam em meio da corrupção quasi geral para se mostrarem dignas de ter por mãe e mestra a Santa fundadora.

Concluamos extratando para aqui as seguintes maximas que a Santa deixou escriptas n'um registro do seu Breviario:

(*) Ainda que a Madre Thereza falleceu no dia 4, contou-se depois o dia 15 como da sua morte, depois que Gregorio XIII reformou o Calendario, supprimindo 10 dias que havia a mais.

Pelo Calendario Gregoriano morreu a Santa a 15 de Outubro.

«Nada te perturbe;
Nada te espante;
Tudo passa:
Só Deus não muda.
A paciência tudo alcança.
A quem a Deus tem, nada lhe falta.
Só Deus basta.»

Sejam estas as maximas porque se dirijam todos os nossos leitores, é o que pedimos nos alcance de Deus a santa mais da nossa admiração.

R.

RETROSPECTO DA QUINZENA

FIVEMOS a visita do muito revd.º snr. padre Luiz Antonio Pereira d'Almeida, virtuoso sacerdote e amigo da nossa Revista, e que durante alguns annos fôra capellão das religiosas Capuchinhas d'esta cidade, e que reside hoje na sua terra natal.

Tambem nos visitaram o revd.º snr. abbade, Antonio Jose d'Oliveira antigo assignante do «Progresso Catholico», e o nosso bom amigo o snr. Duarte Leite Bragança incansavel propagador das nossas ideias.

A todos mil agradecimentos

Por falta de espaço não publicamos hoje nem Secção Necrologica, nem a Secção Bibliographica.

O indice, rosto do 8.º volume e a capa levam todo o espaço.

Pela mesma razão não damos o correio sem franquia, e lista das assignaturas pagas. Para o n.º seguinte.

Assistimos no dia 4 á festividade promovida na sua egreja pela meza da veneravel Ordem Terceira de S. Francisco em honra do seu santo Patriarcha. Bom foi que assistissemos, porque saímos do templo com a alma cheia de santos contentamentos, com o coração a trasbordar de santas alegrias.

O vasto templo cheio de feis, as creanças das duas escolas da Ordem a patenciar o que valem as ordens religiosas no amplo campo da instrucção; as directoras, as Irmãs Hospitaleiras, as filhas do Pobre de Assis, a afirmar que é impossivel a extinção das ordens religiosas em Portugal; e o esplendor do culto, a magestade das ceremonias religiosas a mostrar que só ali, diante de Deus Vivo, de Jesus Sacramentado, rodeado das Imagens dos Santos, é que ha paz, liberdade, felicidade.

De tarde pregara o nosso amigo

Padre Abilio de Passos, e tambem comprehendera o papel que lhe foi confiado, que, sejamos francos, e livres de lisonjas, o desempenhou admiravelmente.

Houve um tempo em que ora um crime fallar dos frades, ser seu apologistas, condemnar as leis infamissimas que trancaram as portas do convento. Esse tempo, porém, passou, louvores a Deus, porque são pó os que mataram os frades, e pó tambem são os que assistiram á sua morte, e que temiam levantar a voz em prol d'elles.

Nós, que nascemos muitos annos depois d'osso fatal cataclismo, e que analysamos os factos despreocupados, não só nos declaramos amigos dedicadissimos das Ordens Religiosas, mas inimigos dos seus perseguidores, e dá-nos prazer, enche-nos a alma de alegria quando vemos alguem, ou n'esta tribuna da imprensa, ou n'outra mais alta ainda—o pulpito, corroborar nas mesmas ideias, proclamar os mesmos principios. E o padre Abilio Passos está n'este caso, pelo que lho damos mil parabens, porque está no lugar do padre, no lugar do catholico, no lugar do homem de bem.

Um abraço mais ainda, e ávante, que o caminho do padre é esse, a voz do padre é essa, que é a voz da Egreja. Nossos parabens tambem á meza.

E, louvores a Deus, não somos só no campo. Dizem os jornaes que uma formosa menina de Madrid dera parte ás saas relações que ia entrar n'uma ordem religiosa. Poucos dias depois tomava o veu de religiosa no convento de Santa Izabel. Aqui está mais uma amiga das freiras, uma nossa companheira nas ideias.

Mas isto não é tudo; temos do nosso lado a Rainha de Hespanha, pois que, sabendo do facto, mandou á jovem freira um formoso vestido de setim bordado, para, que, depois da proficção o offerecer á Virgem do Loreto! Temos muito boa gente do nosso lado.

Não fazem nada as patavinissimas creaturas que por esse mundo se conspiram contra a crescente devoção para com a SS. Virgem de Lourdes. Tem-se visto nas Ilhas dos Açores, e na capital da Ilha em Angra do Heroismo, uma imprensa torpemente acanhada, moçar dos sentimentos catholicos dos bons filhos d'aquelle terra, atirando-lhe ás faces com agua de Lourdes, com os fanaticismos de Lourdes, etc., etc. Pois senhores, louvores a Deus sejam dados, até n'essa terra açoriana, na Ilha Terceira se instalou solemnissimamente a devoção á SS. Virgem de Lourdes!

O nosso respeitavel collegas de Angra, o «Catholico» tarja de gala o seu n.º de 10 de setembro, consagrando-o ás imponentes festividades que se fizeram na freguezia dos Altares, em honra da miraculosa imagem de N. S. de Lourdes.

Assistiu á festa S. Exc.ª Revd.ª o Snr. D. João Maria, Bispo da diocese, e tudo quanto ha de notavel por na piedade.

Não permite porém o espaço de que dispomos que façamos uma descripção minuciosa de tão sympathica festividade; mas porque isso não podemos, damos o que está em nossas forças—um viva entusiasta aos promotores da festa, e um Salvé á Virgem Immaculada de Lourdes!

O grande tribuno hespanhol, Emilio Castellar, depois da ultima revolta de Madrid, disse que prefere ver, D. Carlos no throno, e ter de retirar-se da vida publica, a assistir ao espectáculo que offereco uma republica sem disciplina, e que vive em meio de orgias pertorianas.

Que diria Castellar se conhecessem os republicanos de cá?

E dizem que a lei das garantias impera na Italia a favor do Papa!

Em Padua no dia 20 de setembro, quando os revolucionarios celebravam a entrada das tropas piemontezas—garibaldinas em Roma, depois de um discurso do radical Morin, foram queimados varios retratos oleographicos de S. Santidade o Papa Leão XIII.

Policia e carabineiros, como é de suppor, assistiram á festa de braços crusados, e só usaram dos sabres quando a multição principiou a partir os vidros das casas de quem não pôz luminarias.

Vá a noticia aos que proclamam as garantias de Italia una.

Recebemos o Relatorio e contas da Conferencia de S. Vicente de Paulo d'esta cidade, relativo nos annos 1880 a 1885. N'estes 6 annos tem esta associação distribuido esmolas no valor de 2:360\$000 reis. E' pouco, confessamol-o, para uma terra que blasona de rica, e que se orgulha em possuir algumas dezenas de millionarios; mas ainda assim, damos louvores a Deus, e, se olharmos a que os membros d'esta conferencia são na maior parte, dos menos abastados, e que em pouco ou nada são ajudados pelos que tem a desgraça de ser muito ricos sem saber para que, podemos achar muito florescente a Conferencia de S. Vicente de Paulo, de Guimarães, e damos nossos emhoras a illustre e caridosa direcção.

O nosso valente companheiro a «Nação», jornal tradicionalista de Lisboa, e órgão supremo da legitimidade em Portugal, encetou o seu 40.º anno com o numero de 15 de setembro passado.

E', pois, este nosso collega e companheiro nas lides da imprensa, porque, como nós, pelega da Cruz á sombra, um dos mais antigos jornaes do paiz, se não o mais antigo, pelo que o felicitamos, enviando-lho d'aqui um apertado abraço, como sõem fazer os bons camaradas nos entervallos de ronhidas pelegas.

Falleceu ha pouco em Calais, a superiora geral da Congregação das franciscanas, Irmã Escolastica dos Anjos, com a idade de 57 annos e 38 de religiosa.

Entrou, pois, esta santa Irmã para a religião franciscana da idade de 19 annos! E de tão poucos annos foi recolhida pela Providencia para restaurar esta Congregação em França que, graças á revolução estava quasi extincta, sendo as Irmãs hoje existentes, quasi todas alistadas na celestial milicia, por esta heroína.

As congregação das franciscanas de Calais conta hoje umas 900 irmãs, espalhadas por varias nações, havendo algumas n'este nosso malfado Portugal.

Terá recebido já o premio do bem que fez, e por isso peçamos-lho que seja por nós diante de Deus, o que implore a divina protecção para as suas irmãs que cá ficam, não só para as de Calais, mas para as de Portugal.

Trouxeram-nos tambem os jornaes do Brazil a triste noticia da morte de uma outra heroína, d'uma d'essas mulheres sublimes que são, digainol-o franca e altamente, a personificação de todas as grandes ideias humanitarias de tudo quanto Deus ha creado na terra do mais elevado, de mais santo. Essa mulher sublime, essa heroína que se finara no Brazil, era... querem saber quem era? era una Irmã da caridade!

Eis como o nosso presado collega brasileiro, a «Aurora» nos transmittiu a noticia:

«A's 7 horas da noite de 7 do corrente (agosto), falleceu no hospital Pedro II, a Irmã Margarida Dubost, de 89 annos de idade, victima de uma cachexia senil.

Nascida em 1796, no mez de Dezembro, foi uma das primeiras filhas de S. Vicente de Paulo que no meiado do presente seculo vieram ao Brazil,

tendo sido Superiora d'aquelle estabelecimento pio desde 1859 até 1866.

Nomeada nesse mesmo anno Visitadora das Irmãs de caridade neste imperio, encargo distinctissimo o que ella exerceu com muita aptidão e prudencia, frequentemente visitava as casas sob sua jurisdicção, desde o Ceará até Marianna e Diamantina.

Maior de 80 annos, nem mesmo assim omittia esse dever, aliás bem penoso, quando principalmente lhe era preciso ir ao interior da provincia de Minas, onde não chegam os caminhos de ferro e sam muito incommodas as viagens, feitas em liteiras ou em aui-macs. No entretanto ella desempenhou-se sempre dessa missão espinhosa com muita vantagem, attrahindo a admiração de todos.

Em Abril deste anno foi á Europa. Regressando em Junho, chegou a esta Capital no dia 4 de Julho proximo findo, emprehendendo immediatamente a visita as casas do Ceará, de onde voltou a 23 do dito mez.

Pensava seguir no dia 3 do corrente, para a Bahia o Rio de Janeiro mas... outra viagem decretou-lhe Deus.

Em tanta idade, fatigado o corpo da longa jornada da vida, e da ultima que fez á Europa e ao Ceará, prostrou-a a doença, surprehendendo-a em seu posto de honra para leval-a ao tumulo!

Em oito dias, que guardou o leite, conservou sempre completa lucidez de espirito, exhortando a todos na crença das verdades eternas—mysterios que em breve desvendar-se-hiam antes seus olhos.

Antes de chegar o supremo momento, no mesmo dia de sua morte, á uma hora da tarde, quiz escrever uma carta para a Superiora em Paris, e fol-o perfeitamente! Pouco depois foram-lhe administrados os Sacramentos, e ás 7 horas da noite era cadaver!

Receba-a o Senhor na sua gloria! Ahi tem uma Irmã da Caridade, que só descansa do seu penoso lidar na idade de 89 annos! Ella peça ao Senhor que todas as suas irmãs, que cá ficam, só em tão avançada idade deixem a terra, para mais tempo exercerem a santa caridade!

Os jornaes de dez reis! que interessantes, que noticias de palpitante interesse, que barulho elles fazem para nada!

Não ha muitos dias o «Primeiro de Janeiro», na secção—*Exterior*—logo em primeira linha e sob letreiro de chamar a attenção—*Tres crimes em Madrid*, contava baboseiras, que só

menciona um localista do periodico sertanejo on le não ha que contar aos frequentes.

Ora n'uma revista do estrangeiro, e logo com a bomba de tres crimes em Madrid havia toda a gente julgar que tinham roubado o reinho Affonso XIII, que a Rainha regente havia sido apunhalada nos regios paços, e que Madrid tinha voado pelos ares.

Pois não senhores, nada d'isto. O que imprecionou os redactores do jornal das ruas, a ponto de annunciar como cousa importante do estrangeiro, foi... querem saber o que foi?

Uma desordem entre um cavouqueiro e uma cigarreira; outra entre um jornaleiro e um impressor; outra entre dois sapateiros!

Aqui estão os tres crimes de Madrid com que o jornal das ruas pertendia amotinar o reino, pescando moedas de dez reis.

Não deve admirar isto, porque como os jornaes de dez reis são distribuidos por gente como a das desordens de Madrid, mas que se julgarão, talvez, grandes figurões, em dia de pressa, sentou-se algum á banca da redacção e foi o que botou aquella noticia de arromba; fallou dos collegas de Madrid.

J. de Freitas.

Aos que podem

Continua aberta a subscrição a favor de duas vocações altamente sympathicas, de duas senhoras que querem, no verdor dos annos, abandonar o mundo e recolher-se á sombra protectora do claustro seguindo a regra que a grande Thereza de Jesus ditara. Continuemos a pedir.

Tranporte do n.º anterior..	225695
Recebido do assignante n.º3505 de Felgueira.....	100
Recebido do assignante n.º1198 de Loulé.....	100
Do n.º 2813, amigo de frades e freiras.....	400
Do n.º 2590, de Braga.....	500
Do n.º 2860, de Mertola.....	500
Da exc. ^{ma} snr. ^a D. Thoroza de Jesus.....	600
Somma.....	243895

E' pouquito ainda, mas, vamos pedindo sempre, o Deus não hade deixar a nossa obra por concluir.

